



De um retrocesso no acordo do clima

O fato mais importante neste primeiro semestre, em matéria de meio ambien-

te, e temido pelas pessoas que se preocupam com a questão ambiental, acabou ocorrendo.

O presidente dos EUA, alegando que os compromissos assumidos são "pesadas cargas" para os estadunidenses, custando milhões de empregos na área industrial, anunciou a saída de seu País do Acordo do Clima de Paris. Utilizando-se de tom nacionalista, confirma uma das promessas de sua campanha presidencial.

Os EUA são o segundo maior poluidor mundial e tal

atitude de Donald Trump encontra resistências até mesmo dentro de seu País, deixando-lhe isolado internamente e na comunidade internacional.

O Acordo de Paris, negociado durante a COP 21, subscrito por 195 países, rege medidas de redução de emissão de gases de efeito estufa visando mitigar a mudança climática a partir de 2020, e é o resultado do esforço de ambientalistas por mais de duas décadas.

O Brasil, por exemplo, se comprometeu com metas ambiciosas de redução para os próximos anos: menos 37% (trinta e sete por cento) das emissões de carbono até 2025 e 43% (quarenta e três por cento) de redução até o ano de 2030.

Embora alguns especialistas tentem minimizar a saída americana do acordo, alegando que a mesma pode gerar apenas um aumento de 0,3 (zero virgula três) graus centígrados no pior cenário climático, o exemplo dado foi lamentável, especialmente se outros países resolverem sentir-se livres para copiar a nefasta atitude.

Aliás, enquanto líderes europeus descartaram a criação de um outro possível acordo, a presidente alemã, Ângela Merkel, lamentou este grande retrocesso no acordo mundial para a proteção do clima.